

Extensão Universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida

LUCIANE PINHO DE ALMEIDA ¹

JORGE HAMILTON SAMPAIO ²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo a reflexão sobre a contribuição da extensão universitária nos processos de aprendizagens que se dão na universidade a partir de seu diálogo com outros segmentos da sociedade. Partindo da concepção freiriana de que educar-se é impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana, destacam-se premissas que remetem a reflexão sobre o lugar e o papel da universidade e sobre os processos de aprendizagem que se dão por meio da extensão universitária, incluindo seus sujeitos, conteúdos e métodos. A linha de pensamento que perpassa o texto tem sua base na compreensão de que as aprendizagens só se tornam relevantes se fizerem sentido aos sujeitos aprendentes e se estabelecerem processos de diálogo entre saberes diferentes visando contribuir para as transformações necessárias ao mundo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária. Aprendizagem. Diálogo entre saberes.

ABSTRACT

This article aims at reflecting on the contribution of University Extension within the learning processes that take place in the University as of dialogues with other segments of society. Beginning from the concept

of Freire that to educate oneself is to impregnate daily practices with meaning, premises are brought out that go back to the reflection on the place and role of the University and on the learning processes that take place through University Extension, including their subjects, contents and methods. The line of thought that goes through the text is based on the understanding that learning only becomes relevant if it makes sense to the learners and if dialogue processes are established among different areas of knowledge, seeking to contribute to the necessary transformations in the world of life.

KEYWORDS: University Extension, Learning, Dialogue among areas of knowledge.

¹ Luciane Pinho de Almeida é assistente social e pedagoga. Doutora em Serviço Social pela UNESP – campus Franca. Professora do Curso de Serviço Social, do Programa de Mestrado em Psicologia e Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. Atualmente é presidente do ForExt – Fórum de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias.

² Jorge Hamilton Sampaio é diretor de Programas Comunitários da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Católica de Brasília, DF. Editor da *Revista Dialogos* e professor nos cursos de Filosofia, Medicina, Psicologia e Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião – CREAR, na mesma Universidade. Tem formação em Filosofia e Psicanálise; Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião, com área de concentração em história.

INTRODUÇÃO

*Sonhar é acordar-se para dentro
É dar sentido à vida...*
Mario Quintana

Muito se tem defendido, e com pertinência inequívoca, o acesso universal à universidade e o papel dela para as transformações necessárias ao mundo da vida. A educação e, de modo particular, a universidade, embora não seja a única responsável por essa tarefa, joga, de fato, um papel imprescindível. Contudo, apenas o acesso aos lugares universitários não gera, por si só, transformações significativas. Isso porque se faz necessário que a educação seja de qualidade técnica e científica e, especialmente, que contribua para a construção de pessoas humanizadas, comprometidas com o mundo da vida, com posturas éticas relevantes e consistentes.

Assim, mesmo que seja afirmação recorrente que a educação é necessária a qualquer transformação societária, há ainda muito que se aprofundar nessa análise. Nesse sentido, este artigo procura dar sua contribuição ao debate por meio da apresentação de reflexões acerca do lugar e do papel dos aprendizados que são alcançados mediante a extensão universitária, visando à realização de transformações necessárias ao mundo da vida. Para tanto, partimos da instigante provocação de Gutiérrez e Prado (2000, p. 13) de que “[...] educar-se é impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana”.

O SENTIDO DA UNIVERSIDADE

Iniciamos esta reflexão nos reportando a concepção de universidade elaborada por Chauí (2003, p. 05): “[...] uma instituição social, isto é, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, dentre as quais se destacam a produção, sistematização e socialização do conhecimento e a formação integral dos educandos”. Cabe-lhe, ainda, e talvez seja essa a sua principal função, desenvolver a *inquietação do ser social*, conforme nos diz Marcovitch (1998).

Para Chauí (2003, p. 05-06), o reconhecimento e a legitimidade social da universidade vinculam-se, historicamente, à sua capacidade autônoma de lidar

com as ideias, buscar o saber, descobrir e inventar o conhecimento. Ao se apresentar, portanto, como o lugar privilegiado no qual, por um lado, pode-se acolher, sistematizar e socializar conhecimentos e, por outro, produzir saberes e conhecer os métodos de sua construção, a universidade ocupa um lugar imprescindível para transformações necessárias no mundo da vida por meio da construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos.

Se a universidade é tempo e espaço em que se transitam conhecimentos ou, como nos lembra Chauí (2003, p. 07), espaço e tempo de formação integral, cabe aqui lembrar Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (2000, p. 13) em sua definição de educação: “[...] educar-se é impregnar de sentido cada ato cotidiano”. Educação é, portanto, um ato do conhecimento que faz sentido à vida. Pensamos ser esse o fundamento para que o conhecimento possa vir a contribuir efetivamente com a formação de todo e qualquer cidadão, ou seja, enquanto espaço de educação, de formação integral, a universidade deve oferecer tempo e espaço privilegiado para que o conhecimento faça sentido para a vida dos estudantes, docentes e sociedade, pois só aprendemos algo com relevância e consistência quando aquilo que se está aprendendo nos é significativo; o que se aprende por memorização mecânica também se esquece facilmente. Nesse sentido, para que os aprendizados que são realizados pelo meio universitário façam sentido aos seus atores e contribuam para transformações necessárias ao mundo da vida, pensamos ser necessário fazer algumas considerações preliminares.

Somos seres do mundo: vivemos no mundo, estamos no mundo e com o mundo em um dado período histórico, em determinada cultura. E, como nos alerta Lima Vaz (2006), somos seres dotados de *estrutura* somática, psíquica e espiritual; somos seres de *relação* com o mundo, com o outro e com o absoluto; condições da existência humana que nos caracteriza pela unidade que nos possibilita, mesmo que parcialmente, ter a capacidade de *realização como pessoa*.

Somos seres inacabados e incompletos: aprendemos ao longo de toda a vida. E não há tempo definido para aprender. Sempre é possível aprender. Nesse sentido, vale destacar a contribuição Freire

(1997, p. 55): "Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento". Também, segundo Morin (2000), aquilo que foi criado pelo homem deve vir com incertezas.

Aprender não é acumular conhecimento: as informações envelhecem rapidamente. Quanto mais conhecemos e descobrimos, quanto mais sabemos, maior é nossa ignorância, porque aprender é um processo infinito. Aqui se tem a noção de movimento, na dialética do mundo. O conhecimento, também, não pode ser fragmentado e precisa ser pertinente, fazer sentido e compreender a complexidade do mundo da vida. Nesse sentido, é importante aprender a pensar e não reproduzir pensamentos, mesmo que isso signifique, segundo Morin (2000), conviver a possibilidade de erros.

Partindo, portanto, dessas premissas de que, sendo a universidade parte da sociedade, os atores que nela atuam são seres do mundo, seres inacabados e aptos a sempre aprender e conviver com as possibilidades de erro, podemos prosseguir nossa discussão com relação ao processo de aprendizagem por meio da extensão universitária visando estabelecer transformações necessárias ao mundo da vida.

APRENDIZAGEM PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Para Freire (1987), há três momentos importantes para que ocorra o processo da aprendizagem e, assim, da formação integral da pessoa humana.

Investigação temática – que é o conhecer melhor o que já se sabe e poder conhecer o que se sabe, para daí aprofundar o conhecimento. Dessa forma, é necessário motivar – seduzir – porque só se motiva ou seduz, quando existe uma curiosidade. Embora a curiosidade seja inerente às pessoas, é preciso que se possa despertar o estudante para que ele se motive por determinada temática que lhe interesse. É a categoria da leitura do mundo, da aproximação do mundo e de retirar do mundo os elementos que se busca. Na concepção de Habermas (1993), trata-se da curiosidade epistemológica que precede o

“ **Educação é, portanto, um ato do conhecimento que faz sentido à vida.** ”

conhecimento. Partimos, portanto, da realidade social que se apresenta e da curiosidade sobre essa realidade que se apresenta a nós.

Tematização – quem constrói o conhecimento é o estudante; o professor é somente aquele que incentiva, que coordena, que testemunha, que colabora, que ajuda e orienta, motivando o estudante. Assim, para o estudante, descobrir o significado do tema é importante nesse processo de codificação e decodificação da tematização, que parte das experiências no mundo e com o mundo. Nessa tematização, é preciso compartilhar o mundo lido, pois não há conhecimento válido a não ser que ele seja o conhecimento partilhado pelo outro. O conhecimento só é válido quando a sua validade é dada socialmente.

Problematização – que é o descobrir o sentido e o significado daquele conhecimento para a vida do indivíduo e para a vida de todos a partir da tematização. A visão tradicional do conhecimento imprime-o como acúmulo e não como construção de sentido. Terminar um curso para somente poder integrar ao mercado de trabalho, ou seja, ter um diploma apenas para responder aos anseios da sociedade capitalista, essa é uma noção que nos foi impressa na sociedade do século XX, sociedade industrial fundamentada na noção de trabalho e de competição de mercado (KAHHALE, 2011). A noção de problematização, para Freire (1977), é justamente contrária: problematizar é imprimir sentido, é refletir sobre o que se faz, como se faz e por que se faz. Dessa forma, ainda segundo Freire (1977), problematizar deve levar ao engajamento, ao compromisso com o outro e consigo mesmo. A partir da problematização, podemos reconstruir nosso conhecimento; se lemos o mundo e compartilhamos o mundo lido, então juntos construímos o mundo.

Voltamos então a reafirmar, portanto, que *educar-se é impregnar de sentido cada ato cotidiano,*

porque, quando o estudante investiga, é porque a temática lhe interessa, porque despertou sua curiosidade; quando se *tematiza*, é porque se quer entender; quando se *problematiza*, é porque se quer achar soluções possíveis para determinadas demandas. Tal base é um dos fundamentos aceitos pela extensão universitária como pressuposto para a construção de aprendizagens para transformações necessárias ao mundo da vida, uma vez que só se aprende de forma relevante e consistente, quando o aprendizado é significativo.

De acordo com o pensamento de Freire (1977), conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato em que uma pessoa recebe os conteúdos que outro lhe apresenta. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em *intervenção* e em *reinvenção*. Clama pela reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o como de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Portanto, conhecer é uma tarefa de sujeitos e não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito que o ser humano pode realmente conhecer e transformar a sua realidade. Desse modo, partindo do pensamento freireano, passamos a refletir o processo de aprendizagem na extensão destacando seus sujeitos e papéis na construção do conhecimento e visando aos processos de transformações necessárias ao mundo da vida.

SUJEITOS DA APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

No processo de aprendizagem só aprende, com sentido, o sujeito que se apropria do *aprendido*, transformando-o em *apreendido* e, assim, reinventa o conhecimento em situações concretas. Por meio da investigação, tematização e problematização, aprofunda a reflexão crítica da realidade na qual está inserido.

Nesse ponto, encontramos a importância dos aprendizados que se dão por meio da extensão universitária visando estabelecer transformações necessárias ao mundo da vida. Isso porque, se consideramos a afirmação de Freire de que existir humanamente é pronunciar o mundo, a extensão universitária possibilita esta pronúncia a partir de ações que colocam os sujeitos em relação ao *outro* a partir *do* mundo e *com* o mundo. É por meio dessas

“ A partir da problematização, podemos reconstruir nosso conhecimento; se lemos o mundo e compartilhamos o mundo lido, então juntos construímos o mundo. ”

relações, sempre baseadas em práticas e atitudes, que a universidade, como parte do mundo da vida, vivencia o mundo além de seus muros, ouve a sociedade, dialoga com saberes diferenciados, inova a partir das demandas necessárias ao mundo da vida. Em uma expressão: faz a *comunicação do conhecimento* (FREIRE, 1977).

A extensão universitária, assim, situa o sujeito aprendente no tempo presente, nas demandas de sua sociedade, apresentando-se como espaço de aprendizagem e interação com o mundo de hoje e no tempo presente. É espaço privilegiado para a formação profissional que vai além do tecnicismo, pois provoca situações concretas de vivência da realidade cotidiana, nas quais apresenta aos seus atores desafios teórico-práticos a serem solucionados. E, a partir das problemáticas sociais que se apresentam no cotidiano, a curiosidade e o desejo são despertados nos sujeitos aprendentes, motivados por uma causa/demanda societária e humana que lhes faça sentido por meio da busca de soluções possíveis a partir da construção de projetos coletivos.

Nesse processo, fazem parte das ações da extensão universitária sujeitos diversos que

compartilham aprendizagens e vivências, que podem ser reconhecidos diferentemente, pois vivenciam sob óticas diversas o compartilhamento da ação extensionista. Os três sujeitos mais significativos nestas vivências são os professores, os estudantes e as pessoas da comunidade.

O *professor*, sujeito da provocação da reflexão do sentido da aprendizagem dos estudantes, se faz educador quando exercita o papel fundamental da orientação para que o estudante saiba caminhar por si mesmo, conquiste sua autonomia no fazer e na reflexão intelectual. Para Freire (1987), o educador não deve propriamente falar sobre sua visão de mundo ao

“ Conhecer é uma tarefa de sujeitos e não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito que o ser humano pode realmente conhecer e transformar a sua realidade. ”

educando, mas, em um diálogo, colocar a sua visão e deixar que o educando fale a dele, estabelecendo uma troca constante. Um professor-educador com compromisso com seus estudantes, com o seu tempo, com a vida, provoca a compreensão do contexto histórico em que se vive e orienta à ação comprometida com as demandas necessárias à sociedade, construindo junto com eles o sentido para ação.

O *estudante*, sujeito que responde a provocações e encontra sentido na aprendizagem de sua ação, de suas experiências e de sua vivência com e na realidade social, concretiza por meio de suas experiências a sua relação *com* e *no* mundo. Para tanto, faz parte do aprendizado dos estudantes a compreensão sobre a condição humana para nela intervir por meio de ações que realizem transformações necessárias ao mundo da vida. Com isso, seu aprendizado passa não somente a responder provocações, mas também a construir

provocações para a universidade e para a sociedade (BAREMBLITT, 1998).

A *comunidade*, formada por sujeitos que são parceiros na construção dos sentidos de transformação do mundo da vida, demonstra suas necessidades e demandas na interação com o estudante e com professor, provocando-os a olharem para o mundo e suas imperfeições e desafiando a todos para que a transformação seja realizada a partir de relações humanas respeitadas e consistentes, visando encontrar saídas mais comprometidas e capazes de responder às suas demandas de forma real. Esse resultado somente é alcançado quando o estudante e o professor são capazes de se abrirem para um novo olhar *para* o outro e *com* o outro em busca de uma vida melhor para todos.

CONTEÚDO E MÉTODO DA APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão universitária envolve relações sociais e humanas constantes entre os professores, os estudantes e a comunidade. Tais relações, contudo, não sendo neutras, têm um conteúdo e um método específicos aos processos de aprendizagem que são construídos, com sentido, e contribuem para as transformações necessárias. Dentre eles, destacamos o *diálogo*, a *vivência de situações significativas*, a *experiência ética e política*, o *compromisso social*, a *emancipação* e a *interdisciplinaridade*.

Os sujeitos atores de ações extensionistas precisam, em suas relações humanas para a realização de seu trabalho conjunto, ter uma concepção e uma prática de *diálogo permanente entre si*. Isso porque o conhecimento não é só histórico, não é só epistemológico, não é só lógico e racional: ele é também e, fundamentalmente, *dialógico*. É no diálogo que se constrói e se transforma o mundo da vida. Não se trata, obviamente, na linha em que estamos refletindo, de um diálogo sem conflitos. Pelo contrário, é uma *relação dialógica dialética* em que a contradição existente deve ser revelada, deve ser pronunciada para que haja possibilidade de síntese, mesmo que parcial. Só é possível uma relação dialógica quando se compartilha e confronta o conhecimento de todos os sujeitos envolvidos. Não é o consenso, mas o

diálogo entre os opostos, entre as diferenças, entre os diversos e diferentes saberes. O sentido de *diálogo* que estamos apontando é que só podemos estabelecer relações verdadeiras por meio da vivência no mundo, do conhecimento do mundo, da realidade do mundo. Implica ouvir o *outro*, olhar e entender as diferenças. Segundo Santos (2005), é traduzir saberes em outros saberes, traduzir práticas de uns aos outros, todos imprimindo conhecimento a partir da relação com o outro, pois não há ninguém que saiba tudo; e nem mesmo se pode admitir hierarquia de saberes.

A construção dialógica permanente possibilita que os sujeitos possam *vivenciar situações significativas* que perpassam o cotidiano das relações sociais e humanas que se apresentam à sociedade de seu tempo. Quando se vivencia situações concretas e se reflete sobre elas, chega-se a *temas geradores*, que buscarão encontrar no conhecimento elaborado dos diversos atores envolvidos as respostas às questões e demandas apresentadas, pois se fazem realmente significativas para quem as vivencia.

Tais condições nos levam a explicar questões que a realidade apresenta e quais os caminhos que podem apontar soluções, especialmente a experiência no campo da *ética* e da *política*. Isso porque, dado que todo conhecimento tem sua intencionalidade, cabe à extensão universitária explicitar que todo processo educativo que se pensa e se faz traz em si questões éticas a serem respondidas e questões políticas a serem trabalhadas. O conhecimento é político, ideológico, histórico, conhece a favor de e contra alguém, é impregnado de história e de crenças que encaminham a ação. O ato pedagógico é ato político. Nunca a educação é neutra. Não há educação que se faça neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida (FREIRE, 1987). Nessa dimensão, a extensão universitária deve fazer a opção por princípios de ordem político-filosófico, epistemológico, metodológico e operacional. Do ponto de vista ético-político, significa que se acredita que, por meio das relações horizontais entre pessoas, mediadas pelo diálogo e pela construção coletiva, pode-se contribuir para as transformações necessárias ao mundo da vida.

Neste ponto, vale mencionar que a extensão universitária é um tempo e espaço privilegiados

“
**O conhecimento
não é só histórico, não
é só epistemológico,
não é só lógico e
racional: ele é também
e, fundamentalmente,
dialógico . É no diálogo
que se constrói e
se transforma o
mundo da vida.**
”

para ações que expressem o *compromisso social* dos atores nela envolvidos. Diferente do que o mundo corporativo denominou de *responsabilidade social*, o *compromisso social* é conceito mais abrangente e traz mais sentido às pessoas porque diz respeito a superar o nível de assistência para entrar no campo do fazer ético-político não *pelo outro*, mas sim *com o outro*. Para tanto, valorizam-se conteúdos das relações sociais entre as pessoas e suas atitudes. É a valorização da cultura do *outro*, da vida do *outro*, da dignidade do *outro* como valor inalienável (LIMA VAZ, 2006). Não há conhecimento importante que se desvincule da realidade humana e social experimentada por todos os atores que dela participam. Portanto, do ponto de vista epistemológico, implica a produção do conhecimento de modo participativo que, respeitando a vida do *outro* em suas opções individuais e coletivas, procura estar em sintonia com a realidade social em que o outro vivencia sua existência, constituindo-se, assim, essa relação, como valor primordial da sociedade para a emancipação das pessoas e das comunidades e não como mercadoria passível de trocas, segundo os interesses econômicos.

Emancipação é o processo de *autoanálise* de *autogestão* das comunidades visando a que possam saber de si mesmas para que, inibindo o que lhes prejudica e potencializando o que têm de melhor, possam propor soluções para seus problemas. (BAREMBLITT, 1988). Assim, construir a emancipação

por meio da extensão universitária é estabelecer relações igualitárias e de reconhecimento das diferenças. A emancipação deve estabelecer processos de superação da subestimação a que as comunidades geralmente se encontram e contribuir para seu poder de análise e de reflexão. Deve, assim, superar o estático pelo movimento, pelo contraponto, pelo inconformismo, visando às transformações necessárias ao mundo da vida. Processo em que todos os sujeitos – professores estudantes e comunidades – devem estar envolvidos a partir do diálogo em torno dos diferentes saberes.

Diálogo entre saberes diferentes clama por incluir nas ações de extensão a educação para a *interdisciplinaridade*. Ao propor aprendizagens que visem transformações necessárias ao mundo da vida, a extensão universitária se insere nos enfrentamentos do cotidiano e nas configurações da vida social, o que exige que a ação seja orientada a partir do reconhecimento: “[...] os limites de seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas” (FAZENDA, 2003, p. 43). Portanto, a *interdisciplinaridade* faz-se como exigência de toda ação, no sentido de uma melhor compreensão da realidade e de tomada de decisão para a intervenção. A *interdisciplinaridade*, como afirma Gadotti (2000, p. 50), “[...] não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa”.

O que se aprende parte do interesse do sujeito aprendente; e o interesse é um projeto político, um projeto de vida, de transformação social e humana, um processo de transformação da sociedade. Dessa forma, a extensão universitária, enquanto atividade *pari passu* com o ensino e a pesquisa, é princípio pedagógico e ação concreta que possibilita a democratização do conhecimento acolhido, socializado e produzido tanto pela universidade como pela comunidade parceira em projetos comuns. Ao mesmo tempo em que procura responder às demandas societárias, a extensão universitária, mais do que nunca, constitui-se forma privilegiada de formação humana e profissional, na qual os estudantes têm possibilidade de adquirir conhecimento a partir do mundo da vida, fora dos muros da universidade (SAMPAIO; FREITAS: 2010). Isso pode contribuir significativamente para que ela não seja indiferente aos desafios e às demandas que

“ O ato pedagógico é ato político. Nunca a educação é neutra. Não há educação que se faça neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida (FREIRE, 1987). ”

hoje a sociedade apresenta. Dessa forma, a extensão universitária apresenta-se como espaço privilegiado de aprendizagem e interação com o mundo de hoje e seu tempo presente e remete, indiscutivelmente, a Freire (1992, p. 69), quando afirma que “[...] a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação de significados”.

Nesse sentido, a *Carta de Belo Horizonte*, o *Fórum Nacional de Extensão* e a *Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias* apontam que:

[...] garantir que a comunicação do conhecimento seja um elemento inerente ao processo educativo e ao projeto social, possibilitando, através do exercício da extensão como atividade acadêmica, viabilizar a articulação entre a universidade e a sociedade, compreendendo que as inter-relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos são, sempre, relações educativas, que norteiam o nosso agir no mundo e nos remetem a valores e princípios éticos que fazem emergir a consciência solidária (FOREXT, 2006).

A contribuição da extensão universitária para a formação de profissionais provoca a pergunta sobre como se aprende e como se formam profissionais que contribuam para transformações necessárias ao mundo da vida. O caminho, nesse sentido, mais significativo é o diálogo, a comunicação *com o outro* e *a partir do outro*, mesmo que tal processo não alcance, de imediato, escala sistêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santos (2005) aponta que hoje é preocupante o fato de que tanta experiência social fique desperdiçada, porque ocorre em lugares remotos. Experiências muito locais, não muito conhecidas, nem legitimadas, são hostilizadas pelos meios de comunicação e permanecem invisíveis. O desafio, nesse sentido, é evitar o desperdício de experiências sociais relevantes. Para tanto, é necessário criticar a ciência que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo, pois, na maioria das vezes, ela reduz a realidade a somente o que já se discutiu, o que já se conheceu. Há práticas sociais que são baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos, mas que são desprezados, ignorados, invisíveis. Nesse sentido, há na extensão universitária um bom caminho para novas experiências e pesquisas que, partindo de práticas vivenciadas na realidade social, podem apontar novas direções à ciência e imprimir mudanças societárias significativas.

Para Santos (2005), há que se construir outra mentalidade científica, a da *ecologia de saberes*, em que se afirma que o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz no real, como ele faz sua intervenção na realidade. O que importa saber é qual o tipo de intervenção que o saber produz. Nesse sentido, o conceito de extensão universitária convencional, segundo Santos, é levar a universidade para fora. Contrariamente a essa posição, a proposta é de que a extensão universitária seja compreendida como *ecologia de saberes*: trazer outros conhecimentos para dentro da universidade e com eles, dialogar. Assim, é preciso encontrar espaços fora da universidade em que seja possível compartilhar e analisar conhecimentos e, principalmente, estabelecer vivências com o *outro*. Isso é um novo tipo de ciência, aquela que busca soluções e resultados que contribuam efetivamente nas aprendizagens que promovam transformações necessárias ao mundo da vida.

Nesse sentido, há uma contribuição inequívoca da extensão universitária para que a universidade cumpra seu papel social, humano e político, atuando de modo consistente e significativo para as transformações

necessárias ao mundo da vida. Assim, neste artigo, apresentamos alguns pontos a serem refletidos, principalmente no que tange ao compromisso com uma educação mais humana e comprometida com o seu tempo presente, em contraponto ao que estamos assistindo cotidianamente em nosso cenário educacional.

Se queremos construir uma sociedade melhor para todos, acreditamos que a universidade pode e deve contribuir na formação de profissionais solidários, capazes de olhar o *outro*, sem estranhamento ou dificuldade para entender as diversidades e propor, com eles, ações pertinentes que transformem a realidade humana e social. Se é utopia ou sonho, não sabemos ao certo, mas por que não persegui-los em busca de contribuir com as transformações necessárias ao mundo da vida?

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEP: Autores Associados, set-dez/2003.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003. (Questões Fundamentais da Educação, 01).
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- _____. **Pedagogia da esperança**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).
- FOREX. **Carta de Belo Horizonte**, 2006.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).
- GUTIÉRREZ, Francisco. À procura de sentido na educação: três itinerários, três aproximações. Questões do Século XXI. In: ROMÃO, Eustáquio; OLIVEIRA José Eduardo de (Coords). **Questões da nossa época**, v. 100. São Paulo: Cortez, 2003.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

HABERMAS, Jurgen. A ideia da universidade: processos de aprendizagem. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 74, p. 111-130. Brasília/DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação, jan./abr. 1993.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **O estudo dos saberes na vida cotidiana**. O contexto do saber: representações, comunidade e cultura. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007.

KAHHALE, E. M. S. P.; PEIXOTO, M. G.; GONÇALVES, M. G. M. A produção do conhecimento nas revoluções burguesas: aspectos relacionados à questão metodológica. In: KAHHALE, E. M. P. (Org.). **A diversidade da psicologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. **Antropologia filosófica**, v. 1 e 2. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im)possível**. 2. ed. São Paulo: Futura, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.

NOGUEIRA, Adriano. **Estendendo fronteiras: a extensão e a pesquisa na formação do educador**. 2. ed. Taubaté/SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questões da nossa época, v.120).

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAMPAIO, Jorge Hamilton; FREITAS, Marta Helena. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: És tu a universidade que estava por vir ou ainda esperaremos por outra? In: FREITAS, Leda G.; CUNHA FILHO, José Leão; MARIZ, Ricardo Spindola (Orgs). **Educação superior: princípios, finalidade e formação continuada de professores**. Brasília: Universa, 2010.

SÍVERES, Luiz. A extensão como um princípio de aprendizagem. In: **Revista Dialogos**, Brasília: Universa, v. 10, n. 10, p. 8-17, dez. 2008.